

A literatura do Holocausto e da resistência

The literature of Holocaust and resistance

DINA LIDA KINOSHITA

Professora Doutora da USP e membro do Conselho Curador da Fundação Astrojildo Pereira; membro da Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, DDHH, Democracia e Tolerância junto ao IEA/USP, 1996-2014.

RESUMO O texto procura construir um vasto painel sobre o Holocausto, as atrocidades cometidas pelos nazistas e as estratégias de resistência utilizadas pelos judeus nos guetos, campos de trabalho forçado e mesmo nos campos de extermínio, apesar do terror reinante. A resistência cultural e sua produção literária foram de suma importância para se tomar conhecimento do que aconteceu. Há, também, uma literatura posterior de memórias individuais e coletivas. A partir dos anos 1980, são publicadas obras mais densas, de largo fôlego, produzidas por romancistas e estudiosos das ciências humanas. O assunto, seguramente, é inesgotável.

PALAVRAS-CHAVE Holocausto e produção literária; Holocausto e resistência cultural; Holocausto e resistência; judeus e II Guerra Mundial.

ABSTRACT This text aims to construct a comprehensive view on the Holocaust, the atrocities committed by the nazis, and the strategies of resistance used by Jews in the ghettos, forced labour camps and even extermination camps, despite the reigning terror. The cultural resistance and its literary output were instrumental to bring awareness to what happened in this period. There is also a subsequent literature of collective and individual memories. From the 1980s onwards, published works of greater depth and scope began to be produced by both fictional writers and humanities scholars. The subject is certainly inexhaustible.

KEYWORDS Holocaust and literature; Holocaust and cultural resistance; Holocaust and resistance; Jews and World War II.

“Agora a lua vaga sobre outro planeta
Aterrorizada ao longe, pelo terrível silêncio, sem nenhum traço delas.
Desapareceram agora essas pequenas cidades onde o sapateiro era um poeta,
O relojoeiro um filósofo, o barbeiro um trovador...”¹
Anton Slonimski²

O HOLOCAUSTO É UM DOS TEMAS MAIS VASTOS, NÃO SOMENTE NA LITERATURA judaica, como também para autores de outras culturas. Ao considerar a literatura *lato sensu*, podem-se encontrar análises profundas de renomados estudiosos das ciências humanas, além de romances e poesias de autores consagrados (e até mesmo de autores desconhecidos), memórias individuais e coletivas. O tema parece inesgotável e, após 70 anos do fim da II Guerra Mundial, ainda são publicados livros a respeito do assunto. Várias universidades têm promovido congressos e simpósios sobre a temática. A Fundação Spielberg gravou entrevistas com milhares de sobreviventes em todos os rincões do planeta, e o Museu Yad Vashem, em Jerusalém, é um grande repositório e uma fonte de dados de textos literários.

Não se pretende, neste espaço, realizar análises literárias, mas tão-somente registrar a diversidade da produção literária que constitui uma espécie de testemunho dessa época trágica. Seria injusto comparar obras de grandes escritores e poetas da língua

iídiche com textos de pessoas simples que registravam seus sentimentos de aflição e angústia ou relatavam algum fato presenciado. Homens letrados entenderam isso e encorajavam as pessoas a escrever. Todos acabavam escrevendo no estilo realista no calor do momento.

Desde o início da ocupação nazista em território europeu, apesar do terror reinante, os judeus utilizaram diversas estratégias de resistência, dentre as quais a resistência cultural, que se apresentava de maneira distinta e conforme as possibilidades existentes em cada local. Apesar da proibição que os judeus tiveram de frequentar as sinagogas, as escolas e os teatros, bem como de publicar jornais e revistas, essas atividades persistiram, ainda que sem periodicidade e com dificuldades imensas. São poucos os livros publicados por eles no Brasil, uma vez que a maioria dos judeus do Leste Europeu se comunicava em iídiche, e não há tantos tradutores que se dedicam a esse idioma no país. De todo modo, é possível citar algumas obras clássicas conhecidas no Brasil, escritas originalmente em línguas que não o iídiche, como *O diário de Anne Frank*, os livros de Primo Levi, as obras de Hanna Arendt e Theodor Adorno, além dos trabalhos de especialistas na própria história do Holocausto, como Raul Hilberg. Neste artigo, dar-se-á preferência aos trabalhos de outros autores que não esses, consagrados ou não, e pouco conhecidos no Brasil.

No gueto de Varsóvia, o historiador Emanuel Ringelblum, um discípulo de Ber Borochov,³ já nos primeiros dias de confinamento no gueto, organizou o *oneg shabat*, grupo que se reunia às sextas-feiras à noite para recolher todos os decretos e notícias de eventos de tortura, brutalidade, confiscos, assassinatos, deportação etc. ocorridos durante a semana. Esse material era acondicionado em latões de leite, os quais eram enterrados em espaços pertencentes ao gueto, no território dessa comunidade.

Parte desses latões foi desenterrada imediatamente após a libertação e serviu como fonte para que Ber Mark⁴ pudesse publicar o livro *O levante do gueto de Varsóvia*, cuja primeira edição, em iídiche, foi publicada em 1946; posteriormente, foi lançada uma edição brasileira (MARK, 1948).

Do mesmo autor, ainda foram publicados, em iídiche, na Polônia, *O levante do gueto de Bialystok* (1952) e *A produção literária nos guetos e campos de prisioneiros* (1953). Ruth Rubin selecionou canções e poesias escritas durante os seis anos em que seis milhões de judeus foram aniquilados e preparou recitais para jovens norte-americanos, em memória do *Iom Hashoá ve-HaGuevurá*, Dia da Destruição e do Heroísmo.⁵ Sidor Belarski, Danto, Chava Alberstein, Sara Gorby e Joan Baez difundiram essas canções pelo mundo.

Binem Heller nasceu em Varsóvia e era conhecido, nos anos 1930, como o poeta do proletariado. Viveu durante um tempo em Paris e na Bélgica e, durante a II Guerra Mundial, esteve na URSS. Voltou à Polônia após o conflito mundial, com a esperança de um florescimento da cultura judaica no país natal. Decepcionado, imigrou para Israel. Em 1973, publicou, em iídiche, o livro de poemas *Der Varshever Gueto in Khoidesh Nissan* (“O gueto de Varsóvia no mês de Nissan”)⁶, cujo título dispensa explicações (HELLER, 1973).

Em um longo poema escrito por Jorge Amado, *A canção da judia de Varsóvia*, o autor denuncia todas as atrocidades cometidas pelos nazistas e, ao final, menciona homens e mulheres que lutaram contra o invasor e ocupante.

Seis décadas após a publicação do livro de Mark, surgiu o livro do renomado historiador judeu-americano Samuel Kassow, *Quem escreverá nossa história: os arquivos secretos do gueto de Varsóvia* (KASSOW, 2009). O livro de Mark é muito conciso. Foi escrito para um público que tinha

como centralidade do judaísmo ashkenazi o Leste Europeu e que sabia da importância de Varsóvia como o seu maior centro cultural, político e religioso. Após o Holocausto e a criação do Estado de Israel, o centro do judaísmo passa a ser o novo Estado, que sequer permitia o uso do iídiche e teve menosprezo pela “cultura de gueto” por décadas. O tratado firmado por Israel com a República Federal da Alemanha (RFA), que normalizou as relações entre ambos no contexto da Guerra Fria, também contribuiu para o silêncio.⁷ Os próprios sobreviventes, em geral, se calavam sobre o assunto, esperando que seus filhos tivessem uma vida mais feliz.

O segundo maior centro do judaísmo passou a ser os Estados Unidos da América. Célebres escritores, como Itzik Manger, afirmavam que era necessário um distanciamento para que se pudesse avaliar, de modo mais objetivo, o Holocausto. Nesse momento, a comunidade judaica norte-americana vivia o pós-guerra, um período de bonança e mobilidade social, uma vez que a crise de 1929 havia sido, definitivamente, superada. Não estava muito interessada na ruína europeia. O fato é que Kassow escreveu para gerações que nem sabem muito bem o que significou Varsóvia, durante séculos, para os judeus. É um livro muito didático que esmiúça realidades completamente estranhas para as comunidades judaicas da atualidade.

Em Lódz, a “Manchester Polonesa”, foi criado o segundo maior gueto judaico, denominado pelos nazistas de Litzmannstadt. Esse gueto era dirigido por Mordechai Chain Rumkowski, um judeu colaboracionista e canalha, pedófilo e corrupto que realizava os serviços solicitados pelos alemães, comportando-se como um carrasco ante a população do gueto. Não se tem notícia, em Lódz, da produção de obras literárias, embora funcionasse no local um grupo teatral que se apresenta-

va por meio de paródias com críticas à direção do gueto e denúncias das atrocidades sofridas pelos confinados. Esse gueto foi o último a ser liquidado, em agosto de 1944.

Mais recentemente, a respeito do gueto de Lódz, o ficcionista sueco Steve Sem-Sandberg publicou *Os destituídos de Lódz* (SEM-SANDBERG, 2012), com tintas tão realistas que, em alguns momentos, pensa-se que se trata de um livro de história, e não de ficção. O autor realizou uma grande pesquisa para escrevê-lo, introduzindo o tema de um debate, ainda pouco conhecido, sobre a produtividade e a lucratividade nos guetos e nos campos de trabalho forçado.

O carpinteiro Mordche Gebirtig, o bardo de Cracóvia, foi um dos mais populares compositores de música popular iídiche, uma espécie de Chico Buarque local que escrevia para as crianças e para os apaixonados e, também, compunha canções de protesto. Foi assassinado no gueto, em 1942. Na iminência da II Guerra Mundial, escreveu *Es Brent* (“Está ardendo”), obra na qual alertava para a perigosa situação mundial e recriminava seus irmãos, os judeus, por permanecerem de braços cruzados. Continuou escrevendo, no período da ocupação nazista, canções que retratavam o cotidiano sofrido e angustiante da população. Manfred Lemm compôs a música dos poemas dessa época (encontrados depois da guerra) e divulgou-os pelos meios fonográficos.

No gueto de Vilna, a resistência cultural deu-se, basicamente, pela composição de poesias e canções. Esse trabalho era encabeçado por um grupo de jovens poetas que, além de escrever, incentivava todos a fazê-lo. O grupo Jung Vilne é responsável por algumas das páginas mais belas da poesia judaica. Hirsz Glik compôs o hino dos *partisans*, *Zog Nit Keinmol az Du Gueist dem Letstn Veg* (“Nunca diga que está trilhando o último caminho”).

Avrom Sutskever escreveu o poema *Mire, di Lerer-ke* (A professora Mira), no qual compila a história trágica de um mundo judaico destruído. Apesar disso, transmite uma mensagem de esperança e coragem; a professora se refere a Lekert (herói da classe operária judaica da Lituânia) como uma pessoa de grande ousadia. Mira tenta manter viva a identidade cultural das crianças, por meio de citações a autores clássicos da literatura judaica, tais como Scholem Aleichem e Itzkhok Lejb Peretz (KINOSHITA, 2010).

A direção do gueto de Vilna mantinha contatos estreitos com os *partisans*, que lutavam contra os invasores nas florestas dos arredores da comunidade, e propiciavam a fuga de muitos confinados. As mulheres tinham tarefas importantes nesse trabalho. Uma estratégia importante dos alemães, visando ao extermínio dos judeus, foi o isolamento total dos habitantes dos guetos. Para a resistência clandestina, a comunicação com o exterior era indispensável, tanto do ponto de vista psicológico, quanto do material. Por não possuírem o evidente sinal físico da circuncisão e, consequentemente, por não poderem ser identificadas e denunciadas com a mesma facilidade que os homens judeus, moças judias assumiram, majoritariamente, o papel vital e sobremaneira perigoso de contatar fontes de auxílio e conforto no mundo externo ao gueto, regido pelos nazistas. Assumindo uma variedade de disfarces, elas forjavam contatos com outros guetos e, por forças amistosas da cidade, conduziam grupos de judeus para lutar com os *partisans*. Sutskever deixou o gueto de Vilna em setembro de 1943, juntando-se a um grupo de *partisans* na floresta de Narosz. O poema *A garota da floresta* é um tributo romântico àquelas bravas mensageiras da esperança.

Um tipo de sabotagem contra os nazistas consistia na explosão de trens.⁸ Em julho de 1942, ocor-

reu uma ação desse tipo na região de Vilna. Um trio de *partisans* conseguiu esse feito extraordinário e um dos componentes do grupo era uma garota, Vitka Kempner. Hirsz Glik baseou-se nesse fato para compor a canção *Shtil iz di Nakht* (“Numa noite silenciosa”). Em parte, é uma canção de amor, mas, também, uma evocação ao orgulho pela coragem, pelo heroísmo e pela vontade de lutar de uma garota que segurava firmemente em suas mãos uma pistola.

Szmerke Kaczerginski é autor do *Yugnt Himn* (“Hino da juventude”) e de uma bela canção de ninar, *Shtiler, Shtiler* (“Silêncio, Silêncio”),⁹ que é profundamente triste, mas apresenta um traço de esperança, apesar das adversidades.

Situação similar à do gueto de Vilna tinha o gueto de Minsk, ainda que sem o mesmo brilho intelectual. Muitos cativos dali escaparam para juntar-se a grupos guerrilheiros na floresta de Nalibosz. Hersz Smolar, jornalista e historiador, narrou os acontecimentos da região no livro *Minsker Gueto* (“O gueto de Minsk”) (SMOLAR, 1946).

Há alguns anos, Nechama Tec proferiu uma conferência magna na Universidade Jagielonski, em Cracóvia; nela, ressaltava o papel desempenhado pelas mulheres nos guetos e não somente nos movimentos clandestinos de resistência. Der Nister, um dos escritores soviéticos do Comitê Antifascista Judaico, preso em 1948 e morto no *gulag* siberiano, em 1950, escreveu um conto cuja principal personagem, Rive, é uma mulher de família abastada tradicional. Sem filhos, ela já praticava a caridade e criava órfãs até que se casassem, preparando, inclusive, seus enxovais. Rive já era uma espécie de liderança feminina, a quem tantas mulheres da comunidade recorriam quando estavam em dificuldade. Quando a guerra teve seu início, em Berdichev, Rive abrigou em seu casarão, que se encontrava dentro da região designada para o

gueto, os judeus que já haviam sido desalojados. Despojou-se de tudo o que era supérfluo e, com o dinheiro auferido, proporcionou algum conforto moral e material aos necessitados. Não durou muito para que os nazistas, auxiliados pelos colaboradores, confiscassem tudo de todos, sem exceção. No entanto, mesmo enfrentando as maiores adversidades, Rive conseguiu manter os candelabros de prata, herdados de seu pai. Eles sempre estiveram com ela, em tempos de paz, nos enterros ocorridos na cidade e mesmo durante o período da guerra, quando os manteve escondidos. No dia em que o gueto foi liquidado e os habitantes, levados para serem executados em uma sexta-feira à tarde, em um gesto de afronta aos alemães, prontos para o fuzilamento, lá estava ela com os candelabros nas mãos e as velas acesas. Acompanhada por todos, fez a oração do shabat (DER NISTER, 1969).

Um capítulo especial no estudo da literatura do Holocausto e da resistência é o que trata dos destacamentos guerrilheiros compostos apenas por judeus. O livro *Defiance* (“Desafio”), a respeito do grupo de Bielavski (TEC, 1993), é produto de uma longa pesquisa acadêmica premiada, em que a própria autora é uma sobrevivente. O livro de Izak Kimelblat é um relato de dois ex-guerrilheiros, o próprio autor e seu irmão Natan, os quais participaram das lutas e foram condecorados pela bravura. O livro é composto por fotos, documentos e relatos de outros *partisans* judeus, que lutaram em várias partes do Leste Europeu (KIMELBLAT, 2006).

A cidade de Kiev, capital da República Socialista Soviética da Ucrânia, pertencente à URSS naquela época, caiu nas “garras nazistas” após 45 dias de luta, no início de setembro de 1941. Kiev possuía cerca de 170 mil judeus antes da invasão à União Soviética. Os jovens, homens e mulheres se alistaram no exército imediatamente após a invasão, ocorrida em 22 de junho daquele ano. Os que

permaneceram na cidade foram as mulheres, as crianças e os idosos. No dia 28 de setembro, o poder de ocupação emitiu um decreto para que todos comparecessem, no dia seguinte, com seus pertences, em praça pública, sob pena de fuzilamento se a ordem não fosse cumprida. As vítimas pensaram que seriam transferidas para algum outro lugar, longe das batalhas, mas, foram transferidas para as ravinas de Babi Yar, nos arredores de Kiev, onde foram fuziladas pelas Einsatzgruppe,¹⁰ com o apoio de grupos ucranianos colaboracionistas, sob o comando da Gestapo.

Durante o “degelo”, como ficou conhecido o período pós-stalinista, o poeta Yevgeni Yevtushenko publicou o poema Babi Yar, dedicado ao massacre de dezenas de milhares de judeus de Kiev e arredores. No livro *Autobiografia precoce* também há menção sobre esse episódio (EVTUSHENKO, 1987). Também apenas no período do “degelo”, Dmitri Shostakovitch, pôde concluir sua sinfonia nº 13, em si menor, cujo primeiro movimento se intitula Babi Yar.

Rikle Glezer era uma adolescente naqueles dias terríveis. Escapou de um trem de deportação, juntando-se a um destacamento de *partisans* como o membro mais jovem do grupo. Em um dia ensolarado de verão, 6 de setembro de 1941, os judeus de Vilna foram forçados a abandonar, repentinamente, suas casas em toda a cidade, sendo confinados em dois guetos minúsculos, no velho distrito judaico. Muitos foram levados, diretamente, a Ponar e assassinados. Diante do assassinato em massa, promovido pelos alemães, Rikle escreveu em seu caderno de poemas *S'iz Gueven a Zumertog* (“Em um dia de verão”), em que descreve esse desastre em sua verdadeira dimensão, construindo assim uma narrativa quase premonitória da Solução Final, o plano nazista de remover (e, por fim, massacrar) a população judia

de todos os territórios ocupados pela Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial.

O campo de extermínio de Auschwitz, o maior dessa natureza, é assunto recorrente de sobreviventes, ficcionistas e estudiosos. Primo Levi, um químico judeu italiano, que realizou o trabalho escravo na fábrica I. G. Farben, em Monovice,¹¹ narrou, em suas obras, as experiências pessoais no local que chamou de “inferno” (LEVI, 1988). Homem culto, escrevia bem e fazia considerações que se aproximam de um discurso filosófico. Seu livro mais famoso, *É isto um homem?*, tem várias edições em português.

Os grandes campos de concentração e extermínio possuíam bordéis que serviam aos guardas do campo, aos soldados alemães em trânsito para o leste e a outras pessoas do próprio campo. Jovens judias eram forçadas a essa prática e tidas como escravas sexuais. Para manter certa aparência, eram melhor alimentadas; no entanto, se fosse confirmada uma gravidez, eram encaminhadas diretamente às câmaras de gás. Ka-tzetnik, pseudônimo de Iekhiel De-Nur, autor conhecido antes da guerra, prisioneiro do campo de Auschwitz, escreveu vários romances sobre o “inferno” desse campo, dos quais o mais conhecido é *A casa das bonecas*, que aborda esse tema (KA-TZETNIK, 1962).

O ficcionista norte-americano autor de *best-sellers* Leon Uris escreveu um livro sobre as experiências médicas realizadas por profissionais alemães que utilizavam como cobaias os prisioneiros judeus do campo de Auschwitz. Segundo o próprio autor, *QB VII* surge a partir de um processo movido pelo Dr. Wladislaw Dering, cujo nome teria sido mencionado como um dos cirurgiões que cometeram tais atrocidades. O processo inocentou o autor e concedeu a ele um farto material para escrever o livro. *QB VII* é caracterizado por um super-realismo; suas descrições dos experimentos

são de difícil leitura para qualquer ser humano por sua crueldade (URIS, 1985).

Um dos mais recentes livros sobre Auschwitz publicado no Brasil é *Capesius, o farmacêutico de Auschwitz*. Capesius nasceu no Império Austro-Húngaro, e, após 1918, o território onde vivia passou a constituir a Romênia. Esse país apoiou o regime nazista, desde que o rei Carol abdicou e o general Antonescu tomou o poder, em 1940. No fim desse ano, já havia meio milhão de soldados alemães na Romênia. Capesius era formado em Ciências Farmacêuticas e funcionário da indústria Bayer. Sabe-se que era um bom pai de família, afável e educado com vizinhos, conhecidos e clientes, entre os quais alguns médicos judeus. Porém, demonstrava o seu arrivismo desde jovem, quando se casou, por interesse, com uma mulher de classe social elevada. Após a ocupação nazista na Romênia, aderiu às SS (sigla das *Schutzstaffel*, “Tropas de proteção”, organização paramilitar ligada ao partido nazista) e aceitou o convite para chefiar a farmácia de Auschwitz. Entre suas atribuições, a principal era a de fornecer o gás *cydon B* para asfixiar as vítimas selecionadas para a morte, além de fazer parte do grupo que as escolhia. Foi no campo de extermínio que o seu verdadeiro caráter se revelou. Presenciou a chegada de trens em que havia vizinhos e conhecidos, mas, mesmo assim, jamais teve qualquer gesto de simpatia com eles, muito menos promoveu qualquer tentativa de salvá-los. Enviava-os para a câmara de gás como se fossem baratas a serem exterminadas. Essa figura sinistra também era corrupta – em princípio, tudo o que se tinha de valor deveria ser encaminhado para o III Reich, mas ele próprio extraía o ouro dos dentes de cadáveres das vítimas e guardava-o em uma mala. A quantidade que possuía desse metal precioso era muito grande, e, depois da derrocada do regime nazista, todo o montante

furtado serviu para garantir a fuga dele e de seus parceiros. No último capítulo do livro, o autor narra a rebelião do Sonderkommando, na qual prisioneiros eram encarregados de retirar os corpos das câmaras de gás e levá-los para os fornos crematórios (SCHLESACK, 2015).

Ao contrário do grande interesse suscitado por Auschwitz, pouca literatura foi produzida sobre Treblinka, o segundo maior campo de extermínio de judeus, para onde foi deportada, preferencialmente, a população do gueto de Varsóvia. Em 1943, houve uma revolta nesse campo, que acabou sendo bastante destruído e foi desativado. Os documentos existentes no local também se perderam. Cerca de 600 prisioneiros escaparam para a floresta, mas quase todos foram recapturados e assassinados. Algo em torno de 40 sobreviventes emigraram no pós-guerra, com destino a vários países, como Estados Unidos, França, Argentina, Canadá e Austrália, mas, a maioria fixou-se em Israel. Jean-François Steiner, um jornalista francês, filho de um deportado para Auschwitz, entrevistou muitos dos sobreviventes de Treblinka, fonte de um material que serviu para Steiner escrever um romance que ensejou grande polêmica nos anos 1960. Steiner fez uma grande pesquisa documental em diversos arquivos e seu maior interesse era verificar se, de fato, “os judeus deixaram-se abater como gado”, como muitos afirmavam (STEINER, 1974).

Zvi Kanar era mestre da pantomima, discípulo de Marcel Marceau e escritor. Pertencia ao *hemschekh dor* (geração da continuidade) de escritores israelenses que se expressavam em iídiche. Kanar escreveu uma trilogia com forte caráter autobiográfico. Nasceu no *shtetl* de Skalbierz, um minúsculo núcleo urbano a 35 km de Cracóvia, no seio de uma família abastada e tradicional, na qual, segundo ele, teve uma infância feliz. Deparou-se com a guerra ainda pré-adolescente. As irmãs, loi-

ras e de olhos azuis, passaram a viver como se não fossem judias, fora das zonas de confinamento. Kanar foi levado para o campo de Plaszów, junto de seus pais,¹² onde o pai veio a falecer. Depois, foram separados: a mãe foi levada para Auschwitz e ele, para Buchenwald. Ambos sobreviveram, mas a mãe jamais se recuperou e não foi capaz de narrar o que se passou. Ele, ainda adolescente, trabalhou em uma fábrica de explosivos e armamentos, onde os prisioneiros realizavam sabotagem na montagem dos artefatos bélicos. Após a libertação, emigrou com outros jovens para a Palestina, onde foram acolhidos em um kibutz. Lutou na Guerra da Independência, por ocasião da criação do Estado de Israel. No kibutz, reinava silêncio mortal sobre as experiências vividas pelos jovens. Com esse material, acrescido da descrição a respeito do trabalho extenuante e perigoso, da fome, do frio, das brigas entre os jovens prisioneiros e de outros fatos, escreveu uma trilogia, um vasto painel que pode ser um molde, com pequenas variações, para a maioria dos sobreviventes: *Ich um Lemekh* (“Eu e Lemekh”), de 1994, *Ongueuebn Broit* (“Pão mastigado”), de 1996, e *A Fish Hot Mikh Nisht Angeshlingen* (“Um peixe não me engoliu”), de 2003.

Dada a situação ameaçadora que pairava sobre os judeus europeus, a jovem húngara Hanna Szenes emigrou para a Palestina, sob mandato britânico, em 1939. Foi viver em um kibutz e fazia parte da Haganá, precursora das Forças de Defesa de Israel. Sua vida transcorria normalmente, e ela se destacava como uma jovem poetisa. Em 1941, alistou-se no Exército Britânico. Em 1944, fez parte de um grupo de paraquedistas da RAF, constituído de 37 judeus da Palestina. Foram lançados na antiga Iugoslávia, para se juntarem a um grupo de guerrilheiros que combatia na região. Ao chegar à Iugoslávia, soube que os nazistas ocupavam a Hungria e decidiu, então, participar de uma missão de

resgate de judeus húngaros, ameaçados de deportação para Auschwitz. Hanna foi capturada pelos alemães na fronteira da Hungria, torturada de forma bárbara, mas não revelou nenhum detalhe da missão. Foi julgada, condenada à morte e executada. Com o prefácio de Abba Eban, foram publicados os escritos dessa heroína, incluindo seus poemas e seu diário (SZENES, 1971).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman¹³ escreveu o livro *Modernidade e Holocausto*, Prêmio Amalfi de 1989. Ele discute, nessa publicação, o que a sociologia pode ensinar a respeito desse complexo assunto. Bauman considera o Holocausto como efeito não de uma barbárie pré-moderna, mas da própria modernidade. “O Holocausto foi o encontro único entre as velhas tensões que a modernidade sempre ignorou, desdenhou ou fracassou em resolver, e os poderosos instrumentos da ação racional e eficaz aos quais a evolução moderna deu origem” (BAUMAN, 1998, p.20).

H. Leiwik,¹⁴ um dos mais renomados escritores e poetas da língua iídiche, escreveu vários poemas pungentes sobre o Holocausto. Mas o que é marcante nele é que, no imediato pós-guerra, sua preocupação é com a resiliência dos sobreviventes. Visitou os *Displaced Person Camps* de Föhrenwald, Feldefing e outros menores.¹⁵ Proferiu conferências, entrevistou os sobreviventes, ouviu suas histórias e queixas. Muitos reclamavam de atos de colaboração de terceiros, o que criava um ambiente de animosidade ao qual, em alguns casos, ele respondia: “Eu não estive lá”, no sentido de que não se podia imaginar quantas provações uma pessoa pode aguentar e ainda assim manter a dignidade. Ao regressar para os Estados Unidos, escreveu uma peça teatral, *O primeiro casamento celebrado em Föhrenwald*. O fato de as pessoas voltarem a se casar e pensarem em gerar filhos, talvez, tenha sido o primeiro sinal de resiliência (LEIWIK, 1947).

Desde o início da ocupação, houve famílias que se separaram. Em muitos casos, enquanto um dos cônjuges fugia para a URSS para se salvar, o outro se escondia na casa de um gentio amigo ou sobrevivia em guetos e campos; crianças se perdiam na fuga. Mas uma das estratégias de sadismo deliberada pelos nazistas foi separar familiares sem que uns soubessem o que aconteceu com o outro. A grande maioria foi assassinada, embora tenha havido alguns reencontros no pós-guerra. Houve situações em que todos os familiares sobreviveram mas os respectivos cônjuges só se encontraram muito tempo depois do fim da guerra. Muitos se casaram novamente sem saber que estavam sendo bigamos, e não viúvos. Isaac Bashevis Singer, Prêmio Nobel de Literatura de 1978, escreveu a novela *Inimigos: uma história de amor, sobre esse tema* (SINGER, 1983).

A partir desse panorama, evidencia-se que, perante o Holocausto e todas as atrocidades cometidas pelos nazistas, a literatura emergiu como estratégia de resistência utilizadas pelos judeus nos guetos, campos de trabalho forçado e mesmo nos campos de extermínio, apesar do terror reinante. Posteriormente, terminada a II Guerra Mundial, o registro da resistência cultural dos judeus, por meio de sua produção literária, foi de suma importância para que o mundo tomasse conhecimento do que aconteceu. Há livros de memórias individuais e coletivas; há também obras de largo fôlego, produzidas por romancistas e estudiosos das ciências humanas; constituiu-se, portanto, uma verdadeira biblioteca sobre o tema do Holocausto e da resistência. Por sua variedade literária e por sua riqueza como testemunho artístico de um conturbado período da história recente, essa biblioteca surge como patrimônio não apenas do povo judeu, mas de toda humanidade.

NOTAS

1 A tradução inglesa foi encontrada no *Deacon's blog* e é atribuída a Howard Weiner.

2 Anton Slonimski, um dos mais renomados poetas poloneses, judeu converso, era neto do rabino Chaim Zelig Slonimski, que publicava, em Varsóvia, o primeiro semanário em hebraico, *Hatsefirá* ("A sirene").

3 Ber Borochov é o grande teórico do sionismo socialista e um dos fundadores do Poalei Tzion, o partido dos Trabalhadores de Sion.

4 Historiador emérito e primeiro diretor do Instituto Histórico Judaico de Varsóvia.

5 Os judeus de esquerda sempre rememoram a destruição e a resistência, não obstante o governo de Israel denomine a ocasião apenas por Iom Hashoá.

6 Nissan é o mês em que se comemora a festa de *Pessach*, conhecida também, entre os judeus seculares, como a Festa da Liberdade. A Organização Judaica de Combate escolheu a data do primeiro Seder de *Pessach* para iniciar o *Levante do gueto de Varsóvia*.

7 Entre outros itens, o tratado estabeleceu uma soma de dinheiro relativa aos seis milhões de vítimas, paga ao Estado de Israel, e pensões vitalícias aos sobreviventes.

8 Os nazistas enviavam, nesse período, tropas, armamentos e víveres para a Frente Leste, sobretudo para Stalingrado e outras regiões da URSS.

9 Era proibido às mulheres dar à luz, portanto tentavam a todo custo silenciar as crianças, pois mãe e filho seriam condenados à morte.

10 Oficialmente, em alemão, *Einsatzgruppe der Sicherheitpolizei und dem SD* eram "forças-tarefa" ou "grupos de intervenção" criados após a anexação da Áustria e encarregados, durante a II Guerra Mundial, de eliminar todos os opositores do III Reich no Leste Europeu, principalmente guerrilheiros soviéticos, e aniquilar as comunidades judaicas soviéticas sob ocupação.

11 O campo de Auschwitz, na verdade, é constituído por um campo central, rodeado por outros, os quais são considerados satélites por serem subordinados à área

principal. Birkenau constituía o local onde as vítimas eram despojadas de tudo o que lhes restava, como alimentos não consumidos durante a deportação, roupas, sapatos, escovas de dentes, malas, os próprios cabelos (como no caso das mulheres) e os dentes de ouro (extraídos após serem assassinados). Em uma seção apelidada de "Canadá", todos os objetos, inclusive valores, eventualmente encontrados, eram selecionados e enviados para o Reich. Nada foi desperdiçado. As vítimas nuas eram asfixiadas pelo *cyclon B*, nas famosas "salas de banho", e depois levadas aos crematórios. Para todas essas tarefas, a fábrica da morte mais bem organizada necessitava de um verdadeiro exército de escravos. Monovice abrigava as fábricas de produtos químicos e de armamentos.

12 O campo de Plaszów é retratado no filme *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg. Nesse campo, eram admitidos grupos familiares.

13 Zygmunt Bauman nasceu na Polônia e foi combatente do exército soviético na II Guerra Mundial. Recebeu o diploma de sociólogo na URSS e regressou a sua terra natal. Foi um fervoroso entusiasta da implantação do socialismo em seu país. Fez carreira na Universidade de Varsóvia, chegando ao cargo de Professor Titular. Em meados dos anos 1960, começou a escrever artigos críticos ao regime, mostrando que este havia esgotado a sua capacidade de avançar em um sentido positivo. Foi quando passou a ser censurado. Após a Guerra dos Seis Dias, no Oriente Médio, em 1968, foi vítima da onda antissemita, implantada por Moczar, e demitido. Após curtas temporadas na Austrália e nos Estados Unidos, estabeleceu-se na Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha. É Professor Titular Emérito dessa universidade e possui uma extensa produção acadêmica: 30 livros e inúmeros artigos acadêmicos.

14 H. Leiwik fazia parte do movimento revolucionário russo e foi preso e condenado a anos de prisão e degredo na Sibéria, após a Revolução Russa de 1905. Conseguiu evadir-se e emigrou para os Estados Unidos, onde começou sua carreira literária. Escrevia, também, para os jornais da esquerda judaica. Somente rompeu sua militância quando foi firmado o Acordo de não agressão de Molotov-Ribbentrop.

15 *Displaced Persons Camps*, campo de refugiados criados no pós-guerra para os que não podiam regressar a seus países de origem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Canção da Judia de Varsóvia. *Diversitas*: Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, FFLCH-USP. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/node/1772>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- BAUMAN, Zigmund. *Modernidade e Holocausto*. Traduzido por Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- DER NISTER. Rive, *Yossl Bontsies* [Rive, a filha de Yossl Bontsies in Vidervuks]. Moscou: Sovietski Piçateel, 1969.
- EVTUCHEMKO, I. *Autobiografia precoce*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- HELLER, B. *Der Varshever Gueto in Khoidesh Nissan*. Tel Aviv: I. L. Peretz, 1973.
- KANAR, Z. *Ikh um Lemekh*. Tel Aviv: Ed. Israel, 1994.
- _____. *Opgegebn Broit*. Tel Aviv: I. L. Peretz, 1996.
- _____. *A Fish Hot Mikh Nisht Aingeshlunguen*. Tel Aviv: I. L. Peretz, 2003.
- KASSOW, S.D. *Quem escreverá nossa história: os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia*. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KA-TZETNIK. *A casa das bonecas*. Rio de Janeiro: S. Cohen, 1962.
- KIMELBLAT, I. *Guerrilheiros judeus na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: I Kimelblat. 2006.
- KINOSHITA, Dina Lida. As mulheres na poesia judaica durante o Holocausto. In: LEWIN, Helena (Coord.). *Judaísmo e globalização: espaços e temporalidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- LEIWIK, H. *Di Khassene in Fihrenwald* [O casamento em Föhrenwald]. Poema dramático em onze atos. New York: Editora Tziko, 1947.
- LEVI, P. *É isto um homem?* Traduzido do italiano por Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco Ltda., 1988.
- MARK, B. *O levante do gueto de Varsóvia*. Traduzido do alemão por G. Hanssen e revisto por Alex Viany. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1948.
- SCHLESACK, D. *Capesius, o farmacêutico de Auschwitz*. Traduzido por Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner. São Paulo: Bertrand Brasil, 2015.
- SEM-SANDBERG, S. *Os destituídos de Lódz*. Traduzido por Jaime Bernardes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SINGER, I. B. *Inimigos: uma história de amor*. Traduzido por Carmem Vera Lima e Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- SMOLAR, H. *Minsker Gueto*. Moscou: Editora Emes, 1946.
- STEINER, J. F. *Treblinka*. Traduzido por Christiano Monteiro Oiticica. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- SZENES, H. *Hanna Szenes, her life and diary*. New York: Schocken Books, 1971.
- TEC, N. *Defiance: The Bielawski partisans*. Oxford University Press, 1993.
- URIS, L. *QB VII*. Traduzido por Luiz Corção. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

Recebido em 26/10/2015

Aceito em 10/02/2016